

**João Batista da Silva  
Leitão de Almeida  
Garrett Visconde  
de Almeida Garrett**

*Romanceiro III*

**João Batista da Silva Leitão de Almeida  
Garrett Visconde de Almeida Garrett**

# **Romanceiro III**

**Romances Cavalherescos Antigos**



Publicado pela Editora Good Press, 2022

[goodpress@okpublishing.info](mailto:goodpress@okpublishing.info)

EAN 4064066412951

## ÍNDICE DE CONTEÚDO

ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

ROMANCEIRO LIVRO SEGUNDO PARTE SEGUNDA

XVII A ROMEIRA

A ROMEIRA

XVIII CONDE NILLO

CONDE NILLO

XIX ALBANINHA

ALBANINHA

XX A PEREGRINA

A PEREGRINA

XXI DOM JOÃO

DOM JOÃO

XXII HELENA

HELENA

XXIII A MORENA

A MORENA

XXIV DONZELLA QUE VAI Á GUERRA

DONZELLA QUE VAI Á GUERRA

XXV O CAPTIVO

O CAPTIVO

XXVI A NAU CATHRINETA

A NAU CATHRINETA

XXVII O CEGADOR

O CEGADOR

XXVIII A NOIVA ARRAIANA

A NOIVA ARRAIANA

XXIX GUIMAR

GUIMAR

XXX DOM DUARDOS

DOM DUARDOS

I VERSÃO CASTELHANA DE GIL-VICENTE

II VERSÃO CASTELHANA DE DURAN

XXXI A AMA

A AMA

XXXII AVALOR

AVALOR

XXXIII CUIDADO E DESEJO

CUIDADO E DESEJO

XXXIV O CORDÃO DE OIRO

O CORDÃO DE OIRO

XXXV O CEGO

O CEGO

XXXVI LINDA-A-PASTORA

LINDA-A-PASTORA

XXXVII O MARQUEZ DE MANTUA

O MARQUEZ DE MANTUA

APPENDICE

THE NIGHT OF ST. JOHN

ROSALINDA

GREEN VINE LEAVES; OR, THE KING'S SLIPPER

GERINELDO

# ADVERTENCIA DA PRIMEIRA EDIÇÃO

## Índice de conteúdo

Por não fazer demaziado volume, dividiu-se o segundo livro d'esta collecção em duas partes, cada uma das quaes forma um tomo separado.

N'este segundo vão tambem em appendice as traducções inglezas de Sir John Adamson de alguns dos romances do primeiro livro.

O tomo quarto está destinado a conter o terceiro livro, que é o das lendas e prophcias. Se porêem apparecerem no intervallo alguns romances ainda não descubertos que pertençam á classe do segundo livro, accrescentar-se-ha uma terceira parte; e com ella começará, n'esse caso, o seguinte quarto volume.

Lisboa, agosto 9, 1851.

---

# **ROMANCEIRO LIVRO SEGUNDO PARTE SEGUNDA**

[Índice de conteúdo](#)

---

## **XVII**

### **A ROMEIRA**

[Índice de conteúdo](#)

Aqui vai outra romeira, e não sei se de Sanctiago tambem; mas creio que não, porque o diria algures o texto do romance: não é orago que deixasse de se nomear.

É lindo, singelo, perfeito exemplar no seu genero. Não me consta que ande por mais terras nossas do que pelas do Minho e Tras-os-montes. So pelas duas versões d'estas provincias o tive de appurar; e sem muito custo, porque é simples de si, e pouco o alteraram na tradição. Tem todo o sabor e ingenuidade antiga, conserva perfeitamente os costumes crus da edade barbara a que se refere. Tambem não ocorre nos romanceiros dos nossos vizinhos, e estou seguro que é ésta a primeira vez que se vê escripto e impresso.

As variantes que valem alguma coisa vão notadas á margem, e não são muitas.

### **A ROMEIRA**

[Índice de conteúdo](#)

Por aquelles montes verdes  
Uma romeira descia;  
Tam honesta e formosinha  
Não vai outra á romaria.  
Sua saia leva baixa  
Que nas hervas lhe prendia;  
Seu chapelinho cahido  
Que lindos olhos cubria!

Cavalleiro vai traz d'ella,  
De má tenção que a seguia[1]!  
Não a alcança, por mais que ande,  
Alcançá-la não podia  
Senão juncto a essa oliveira[2]  
Que está no adro da ermida.  
Á sombra da árvore benta  
A romeira se acolhia:  
—'Eu te rogo, cavalleiro,  
Por Deus e a Virgem Maria,  
Que me deixes ir honrada  
Para a sancta romaria.'  
Cavalleiro, de malvado,  
Nem Deus nem razão ouvia;  
Cego no desejo bruto,  
De amores a accommettia.  
Pegaram de braço a braço:  
Lucta de grande porfia![3]  
A romeira, por mais fraca,  
Emfim rendida cahia...[4]  
No cahir, lhe viu á cinta  
Um punhal que elle trazia;  
Com toda a fôrça lh'o arranca,  
No coração lh'o mettia.  
O sangue negro saltava,  
O negro sangue corria...  
—'Por Deus te peço, romeira[5],  
Por Deus e a Virgem Maria,  
Que o não digas em tua terra,  
Nem te vás gabar á minha



Da vingança que tomaste,  
Da affronta que te eu fazia.’  
—‘Heide dizê-lo em tu’terra,  
Heide me ir gabar á minha,  
Que mattei um vil covarde  
Co’as armas que elle trazia.’  
Tocou a campa da ermida,  
A campa que retinia:  
—‘Ermitão, por Deus vos peço[6],  
Bom ermitão d’esta ermida,  
Tenhais dó d’essa má alma  
Que inda agora se partia:  
Dae terra benta ao seu corpo,  
Que Deus lhe perdoaria.’

---

## **XVIII**

### **CONDE NILLO**

[Índice de conteúdo](#)

So se incontrou este bello romancinho do 'Conde Nillo' na provincia de Tras-os-montes e nas ilhas dos Açores. Nas collecções castelhanas é ommissio. Não sei porquê, mas sinto que tem o ar francez ou proençal. Ou talvez normando? Da nossa Hespanha é que elle me não parece oriundo. Tudo isto porêm é sentir; julgar não, que não tenho por onde.

Nillo não é nome portuguez, nem sei que fôsse castelhanao, leonez ou de Aragão. De donde será? Ou é corrupção, como tantas, de outro nome? Mas de que nome? Series e series de dúvidas e perguntas ás quaes confesso a minha completa inhabilidade de responder.

Seja como for, o romance é bonito, elegante e gracioso, tem todo o cunho antigo verdadeiro, e não parece dos que mais padeceram na sua transmissão até nós.

### **CONDE NILLO**

[Índice de conteúdo](#)

Conde Nillo, conde Nillo  
Seu cavallo vai banhar;  
Em quanto o cavallo bebe,  
Armou um lindo cantar.  
Com o escuro que fazia  
Elrei não o póde avistar.  
Mal sabe a pobre da infanta  
Se hade rir, se hade chorar.

—‘Calla, minha filha, escuta,  
Ouvirás um bel cantar:  
Ou são os anjos no ceo[7],  
Ou a sereia no mar.’  
—‘Não são os anjos no ceo,  
Nem a sereia no mar:  
É o conde Nillo, meu pae,  
Que commigo quer casar.’  
—‘Quem falla no conde Nillo,  
Quem se atreve a nomear  
Esse vassallo rebelde  
Que eu mandei desterrar?’  
—‘Senhor, a culpa é só minha[8],  
A mim deveis castigar:  
Não posso viver sem elle...  
Fui eu que o mandei chamar.’  
—‘Calla-te, filha traidora,  
Não te queiras deshonnar.  
Antes que o dia amanheça[9]  
Ve-lo-has ir a degollar.’  
—‘Algoz que o mattar a elle,  
A mim me tem de mattar;  
Adonde a cova lhe abrirem,  
A mim me têm de interrar.’

Por quem dobra aquella campá,  
Por quem está a dobrar?  
—‘Morto é o conde Nillo,  
A infanta já a expirar[10].  
Abertas estão as covas,  
Agora os vão interrar:

Elle no adro da igreja[11],  
A infanta ao pé do altar.'  
De um nascêra um cypreste,  
E do outro um laranjal;  
Um crescia, outro crescia,  
Co'as pontas se iam beijar.  
Elrei, apenas tal soube,  
Logo os mandára cortar.  
Um deitava sangue vivo[12],  
O outro sangue real;  
De um nascêra uma pomba,  
De outro um pombo torquaz.  
Senta-se elrei a comer[13],  
Na mesa lhe iam poisar:  
—'Mal haja tanto querer,  
E mal haja tanto amar!  
Nem na vida nem na morte  
Nunca os pude separar.'

---

## **XIX**

### **ALBANINHA**

[Índice de conteúdo](#)

Ésta pequena xácara, curta, simples e que mais parece alludir a uma anedota sabida, do que recontá-la, não a incontrei senão na provincia de Tras-os-montes. Tres differentes, mas pouco differentes, versões d'alli me vieram; e, aproveitando de todas, se restituiu o texto como aqui vai. Tem não sei que resaiço á sarcastica 'sirvente' do trovador. É mordaz, epigrammatica; e até se permite fazer o seu *calimburgo*, quando a donzella requestada responde ao seductor:

'Pouco tempo são tres horas,  
Mas vem depois o contar.'

Onde a graça do equívoco está em que o verbo 'contar' tanto significa fazer 'contas' como 'referir o que se passou.'

Não ha variantes que mereçam a pena de se conservar, nem licção castelhana que se ache nos romanceiros.

### **ALBANINHA**

[Índice de conteúdo](#)

—'Albaninha, Albaninha,  
A filha do conde Alvar!  
Oh! quem te vira Albaninha  
Tres horas a meu mandar!'  
—'Pouco tempo são tres horas,  
Mas vem depois o contar.'

—‘Usança de maus villões  
Nunca a eu soubera usar.  
Com ésta espada me cortem,  
Com outra de mais cortar,  
Donzella que em mim se fie  
Se eu d’isso me for gabar.’  
Inda bem manhan não era  
Ja na praça a passeiar;  
Aos tres irmãos de Albaninha  
Se foi de braço travar:  
—‘Ésta noite, cavalleiros,  
Sabereis que fui caçar;  
Em minha vida não tive  
Noite de tanto folgar.  
Era uma lebre tam fina  
Que nunca vi tal saltar:  
Com tres horas de corrida  
Não a cheguei a cançar!’  
Disseram uns para os outros:  
—‘Bom modo de se gabar!  
Será de nossas mulheres?  
Das irmans nos quer fallar?’  
Responde agora o mais môço  
Discreto no seu pensar:  
—‘Não vêdes que é de Albaninha,  
Que o traidor quer diffamar?’

Foram-se os tres para um canto,  
Poseram-se a aconselhar;  
Diziam os dois mais velhos:  
—‘Vamo’-lo nós a mattar?’

E o mais moço respondia:  
—‘Vamo’-la nós a casar?’  
—‘Sim! e o dote que ella tem,  
Nós o temos de pagar.’

Vão ao quarto de Albaninha,  
De voda a foram achar;  
Duas aias a vestiam,  
Duas a estão a tocar.  
—‘Albaninha, Albaninha,  
A filha do conde Alvar!  
As barbas de teu pae conde  
Que bem lh’as soubeste honrar!’  
—‘As barbas de meu pae conde  
Trattae vós de as honrar,  
Pagando-me ja meu dote,  
Que agora me vou casar.’

---

# XX

## A PEREGRINA

### Índice de conteúdo

Não é dos que mais se cantam, nem tem a popularidade de outros muitos, o romance da 'Peregrina' que alguns também chamam da 'Princeza'.—A lição que principalmente segui veio-me do Porto, e é a mais completa. Das outras provincias só obtive fragmentos muito interpolados. Comtudo aproveitei bastante d'elles para restituir o texto e dar nexos e clareza á narrativa. O que se não utilisou para este fim, vai nas variantes.

O final, sublime e poetica idea que tanta predilecção mereceu aos antigos menestreis, é o mesmo de outros romances. Já notei[14] que francezes e inglezes o usaram em suas composições. Entre nós apparece repetido muitas vezes. Fez-se um 'logar commum' romantico assim como tantas coisas bellas dos poetas gregos e latinos se fizeram, por sua popularidade, logares communs classicos. Que Homero ou que Virgilio da meia-edade foi o original inventor d'este? Não é possivel sabê-lo. E sabemos nós se eguaes bellezas da Iliada ou da Eneada são ou não repetições, reminiscencias de outros poetas mais antigos cujas obras ou cujos nomes não chegaram até nós?

A 'Peregrina' tem todos os caracteres de antiga e original. É bella e simples e verdadeira. Nos romanceiros castelhanos não vem; nem se encontra nada parecido com a singella historia que ingenuamente narra. Mas d'estas historias houve tantas n'aquelles ditosos tempos da andante cavallaria! Mal haja o damninho talento de



Cervantes que as fez acabar n'um Dom Quixote e na sua Dulcinea!

## **A PEREGRINA**

Índice de conteúdo

Peregrina, a peregrina[15]  
Andava a peregrinar  
Em cata de um cavalleiro  
Que lhe fugiu, mal pezar!  
A um castello torreado  
Pela tarde foi parar:  
Signaes certos, que trazia  
Do castello, foi achar.  
—‘Mora aqui o cavalleiro[16]?  
Aqui deve de morar.’  
Respondêra-lhe uma dona  
Discreta no seu fallar:  
—‘O cavalleiro está fóra,  
Mas não deve de tardar.  
Se tem pressa a peregrina,  
Ja lh’o mandarei chamar.’

Palavras não eram dittas,  
O cavalleiro a chegar:  
—‘Que fazeis porqui, senhora[17],  
Quem vos trouxe a este logar?’  
—‘O amor de um cavalleiro  
Por aqui me faz andar.  
Prometteu de voltar cedo,  
Nunca mais o vi tornar;

Deixei meu pae, minha casa[18],  
Corri por terra e por mar  
Em busca do cavalleiro,  
Sem nunca o podêr achar.’  
—‘Negro fadairo, senhora,  
Que tarde vos fez chegar!  
Eu de vosso pae fugia  
Que me queria mattar;  
Corri terras, passei máres,  
A este castello vim dar.  
Antes que fôsse anno e dia  
(Vós me fizestes jurar)  
Com outra dama ou donzella  
Não me havia desposar.  
Anno e dia eram passados  
Sem de vós ouvir fallar,  
Co’a dona d’esse castello  
Eu hontem me fui casar...’  
Palavras não eram dittas,  
A peregrina a expirar.  
—‘Ai penas de minha vida,  
Ai vida de meu penar!  
Que farei d’esta lindeza  
Que em meus braços vem finir?’

Do alto de sua tôrre  
A dama estava a raivar:  
—‘Levá-la d’ahi, cavalleiro[19],  
E que a deitem ao mar.’  
—‘Tal não farei eu, senhora,  
Que ella é de sangue real...

E amou com tanto extremo  
A quem lhe foi desleal.  
Oh! quem não sabe ser firme,  
Melhor fôra não amar.'  
Palavras não eram ditas  
O cavalleiro a expirar.  
Manda a dona do castello[20]  
Que os vão logo interrar  
Em duas covas bem fundas  
Alli junto á beira-mar.  
Na campa do cavalleiro  
Nasce um triste pinheiral[21],  
E na campa da princesa  
Um saudoso canavial.  
Manda a dona do castello  
Todas as canas cortar;  
Mas as canas das raizes  
Tornavam a rebentar:  
E á noite a castellana[22]  
As ouvia suspirar.

---